

**CORPOS SOCIAIS, NATURAIS: ALFRED NORTH WHITEHEAD EM  
MATERIALIDADE, INTERPRETAÇÃO SOCIAL E PROCESSO METAFÍSICO**

**NATURAL, SOCIAL BODIES: ALFRED NORTH WHITEHEAD ON  
MATERIALITY, SOCIAL INTERPRETATION AND PROCESS METAPHYSICS**

**Nathan Digby**, Universidad San Francisco de Quito

Tradução: Tiago Fortes

**Resumo** | Neste artigo eu argumento que a perspectiva de Alfred North Whitehead do corpo como uma estruturada sociedade de ocasiões atuais é útil para esse fim. Começo por salientar o papel do corpo para a metafísica como Whitehead o vê, e por ressaltar algumas das características centrais de sua visão do processo. Em seguida, eu descrevo o relato de Whitehead sobre o corpo e mostro como sua perspectiva do processo o ajuda a superar a encruzilhada Cartesiana da Natureza para os dualismos de mente/corpo, ativo/passivo, sujeito/objeto, e cultura/natureza. Finalmente, eu argumento que o senso do social de Whitehead se estende para toda a natureza e não se limita a culturas humanas como para Butler e outros pensadores.

**Palavras-chave** | Natureza | Sociedade | Corpo

**Abstract** | In this paper I argue that Alfred North Whitehead's view of the body as a structured society of actual occasions is helpful to this end. I begin by underscoring the role of the body for metaphysics as Whitehead sees it and by highlighting some of the central features of his process view. Next, I describe Whitehead's account of the body and show how his process perspective helps him to overcome the Cartesian bifurcation of nature into the dualisms of mind/body, active/passive, subject/object, and culture/nature. Finally, I argue that Whitehead's sense of the social extends to all of nature and is not limited to human cultures as it is for Butler and other thinkers.

**Keywords** | Nature | Society | Body

**Nathan Digby** é professor da Universidade San Francisco de Quito / Equador, obteve Doutorado em Estudos Religiosos pela EmoryUniversity, USA, realiza pesquisas em filosofia da religião, música, ética, fenomenologia e metafísica.

**Nathan Digby** is professor at the Universidad San Francisco de Quito/Ecuador. Ph. D. in Religious Studies at the Emory University, USA, he is doing research on philosophy of religion, [Music](#), [Ethics](#), [Phenomenology](#) and [Metaphysics](#).

Muito do recente estudo por parte de teóricos do social sobre a natureza do corpo vem ressaltando a construção social do corpo contra e no lugar de sua materialidade. O argumento costuma funcionar algo como: a descrição científica Ocidental do corpo, surgindo das disciplinas de física, química e biologia, não é nem muito objetiva nem particularmente verdadeira. Um estudo de como teorias e conceitos científicos surgem, revela como os mesmos são arbitrários e dependentes de uma miríade de assunções não examinadas e de eventos históricos casuais. Não há acesso direto e puro ao conhecimento do corpo que não seja mediado por discursos culturais. A ciência é apenas um de muitos discursos. Então o que é importante, e merecedor de análise, é como uma *cultura* vê o corpo - como o corpo é vivenciado, conhecido, empregado e modificado dentro de certas sociedades - ao invés de sua fisicalidade crua. Um resultado deste argumento de ver o corpo como socialmente construído tem sido o abandono do corpo material por parte de teóricos do social. O corpo natural, biológico e material é frequentemente tratado seja como fabricação imaginária de cientistas, seja como não importantes para o entendimento do corpo, o qual recebe sentido através de categorias sociais.

Como Judith Butler corretamente observou, essa tendência reproduz um dualismo Cartesiano (Butler, 1990). Nada prestativo. Quando teóricos do social tratam apenas do corpo social, o corpo biológico *ipso facto* é tratado como um substrato inerte sobre o qual a cultura deposita valor e importância. O corpo físico se torna o objeto passivo da natureza que recebe sentido do sujeito ativo da cultura. Como observou Michael Halewood, isso torna o corpo físico "teoricamente invisível" e vem

permitindo alguns pós-modernos tratar o corpo como algo inteiramente construído pela linguagem.<sup>1</sup> O corpo físico é tanto julgado inacessível, já que a linguagem é cultural ao invés de física, quanto uma ficção pré-discursiva que mantém o corpo físico sempre e apenas como um objeto discursivo e não físico. De qualquer modo, descrições ativas do corpo físico são ignoradas e deixadas inteiramente aos cientistas. Apesar da aversão contemporânea à metafísica, parece ser o momento para uma descrição teórica do corpo que dê sentido ao caráter social do corpo, sua materialidade, sua maleabilidade cultural e sua biologia. Neste artigo eu argumento que a perspectiva de Alfred North Whitehead do corpo como uma estruturada sociedade de ocasiões atuais é útil para esse fim.<sup>2</sup> Começo por salientar o papel do corpo para a metafísica como Whitehead o vê, e por ressaltar algumas das características centrais de sua visão do processo. Em seguida, eu descrevo o relato de Whitehead sobre o corpo e mostro como sua perspectiva do processo o ajuda a superar a encruzilhada Cartesiana da Natureza para os dualismos de mente/corpo, ativo/passivo, sujeito/objeto, e cultura/natureza. Finalmente, eu argumento que o senso do social de Whitehead se estende para toda a natureza e não se limita a culturas humanas como para Butler e outros pensadores.

### **O Corpo como Paradigma para a Metafísica**

Whitehead define a filosofia como "a tentativa de tornar manifesta a fundamental evidência enquanto natureza das coisas"(Whitehead, 1968, p.48). Colocado de modo simples, o objetivo do filósofo é tentar compreender a natureza da realidade em si. Em outro texto, ele define a filosofia como "o esforço de emoldurar um sistema necessário, lógico e coerente de ideias gerais a partir das quais todo elemento de nossa experiência pode ser interpretado" (Whitehead, 1968b, p.3). Entre essas duas definições, a abordagem de Whitehead da filosofia se torna clara: devemos estudar a realidade, mas essa realidade apenas está realmente disponível para nós através de nossa experiência dela. Como tal, o estudo

---

<sup>1</sup>VerHalewood, "Butler and Whitehead on the (Social) Body," in Faber e Stephenson, eds., 2011, p. 107-9. Este artigo e meu pensamento têm se beneficiado da Escola e pensamento de Halewod.

<sup>2</sup>Outros pensadores também observaram as criativas de trazer o pensamento de Whitehead e Butler para diálogo. VerFaber, Halewood, e Lin, 2012; e Faber e Stephenson, eds., 2011).

do mundo não é realmente o estudo do mundo; é o estudo de nossa experiência do mundo. Essa distinção é crítica uma vez que significa que quando estudamos o mundo, estamos na verdade estudando o mundo como é percebido ou vivenciado. Whitehead está bem certo de que essas experiências se dão no corpo. Ele escreve: "o mundo para mim não é nada mais do que o modo como os funcionamentos do meu corpo apresentam-no para minha experiência. O mundo está então para ser discernido inteiramente no quadro desses funcionamentos. Conhecimento do mundo não é nada mais do que uma análise desses funcionamentos"(Whitehead 1968, p.163-4). O corpo é tanto aquele que vivencia quanto aquilo que é vivenciado. Raymond Devettere, um dos intérpretes de Whitehead, afirma que Whitehead vê o corpo enquanto "o arquétipo originário para o estudo da realidade"(p.319). O próprio Whitehead sustenta essa interpretação ao afirmar que em sua abordagem da filosofia ele "assumiu a experiência humana como um exemplo sobre o qual fundar a descrição generalizada requerida para a metafísica" (Whitehead, p.112).

Mesmo nos anos 1920 e 1930, Whitehead estava preocupado que um entendimento geral da natureza estava sendo deixado exclusivamente aos cientistas. Whitehead era inteiramente a favor da ciência física e natural. A habilidade destas disciplinas em prover informação sobre aspectos empíricos da natureza e do corpo é importante, e mesmo indispensável. No entanto, as metodologias da ciência moderna, as perguntas que ela faz, as linhas de pesquisa que ela segue, isso que ela considera como importante ou evidente foi formatado numa visão de mundo filosófica que tomou forma nos séculos XVI e XVII. Seguindo Hume e Newton, surgiu uma visão da natureza enquanto composta por pequenos fragmentos permanentes de matéria, nomeadamente átomos, circulando num espaço vazio. Cada unidade foi vislumbrada como tendo sua própria forma, massa, movimento, cor e local - encerrado em si mesmo. Se essas unidades estivessem em relação com outras, era apenas externa e espacialmente. Agrupe o suficiente desses fragmentos de matéria juntos e você teria os corpos de mesas, cadeiras, e pessoas que vivenciamos com nossos sentidos. Essas mínimas partes constitutivas eram vistas como autossuficientes, passivas, e fatos essencialmente sem sentido. Visualizar a natureza enquanto composta por átomos sem vida é, claro, baseado em observação direta e corresponde

hoje com a visão das coisas do senso comum. No entanto, a ciência hoje solapou e rejeitou quase todos os pontos dessa visão de mundo do senso comum. A perspectiva contemporânea é a de que a matéria não é constituída de pequenas unidades encerradas em si mesmas num espaço vazio, mas é energia espalhada por vários campos e agregada através de uma série de processos altamente interligados. Na perspectiva científica contemporânea, eventos, atividades, mudança e interconexões caracterizam o mundo melhor do que unidades atomizadas separadas no espaço vazio.

Infelizmente, enquanto a antiga visão de mundo foi rejeitada, "as conclusões gerais da [visão de mundo] são tenazmente retidas"(Whitehead, 1968, p.132). O resultado foi, de acordo com Whitehead, "que o mundo científico está sofrendo um ataque terrível de um positivismo desnorteador, que arbitrariamente aplica sua doutrina e arbitrariamente escapa dela" (1968,p.149). Mesmo que a ciência tenha desacreditado todos os elementos fundamentais dessa visão do senso comum, os pressupostos dessa visão de mundo continuam a prosperar, e a natureza é estudada como se fosse composta de unidades não-experimentáveis, sem sentido e sem vida. O que foi excluído da descrição científica é a experiência subjetiva. Na experiência humana, "a natureza tem sangue puro;" (p.150) é imbuída de importância, sentido, beleza e finalidade. Na vida vivenciamos auto-satisfação, atividade criativa, e um senso de propósito que surge do passado e é dirigido ao futuro. Sentimos que nossos pensamentos, sentimentos, percepções, emoções, valorações e decisões são profundamente importantes. A ciência exclui de sua descrição do universo esses elementos mentais que dão origem à literatura, arte, religião e outras disciplinas humanísticas. Fundamentalmente, a ciência é limitada porque apenas atende a metade da evidência - ela abstrai do que é concreto na experiência humana e apenas aceita certos aspectos da realidade externamente observáveis como suficiente para prover uma descrição completa dos fatos.<sup>3</sup>

O papel da metafísica, ou filosofia especulativa, como Whitehead gosta de chamá-la, é enquadrar uma visão geral que dê sentido tanto para

---

<sup>3</sup>Whitehead escreve, "Na verdade, a noção de uma partícula de matéria encerrada em si mesma, auto-suficiente em sua habitação local, é uma abstração. Agora, uma abstração não é nada mais do que a omissão de parte da verdade" (Whitehead, 1968, p.138).

as descobertas empíricas da ciência quanto para as características gerais da experiência subjetiva de uma maneira logicamente consistente e coerente. Quando Darwin sugeriu que os humanos são parte da natureza, os cientistas tiveram uma verdadeira oportunidade de negar a importância da divisão Cartesiana do mundo em corpos físicos e mentes imateriais, e de ver que toda atividade mental subjetiva humana - suas esperanças e sonhos e decisões - de alguma maneira realmente reflete o caráter da própria natureza. A invés disso, estando atada a visão de mundo do senso comum anterior, a ciência tendeu a tratar nossa vida mental como um epifenômeno e como desimportante para seu estudo do corpo. Para Whitehead, isso está completamente às avessas. Se os corpos humanos são parte da natureza e esses corpos têm experiências subjetivas, então talvez a própria natureza devesse ser entendida como subjetiva ou experiencial. O encontro mais íntimo que temos com a natureza é através de nossos corpos. Whitehead escreve que "se desejamos compreender a relação de nossa experiência pessoal com as atividades da natureza, o procedimento apropriado é examinar a dependência de nossas experiências pessoais aos nossos corpos" (1968, p.159). Se a experiência humana, com seus interesses e valores e estéticas, se dá no corpo, então o próprio corpo é a chave para compreender a natureza.

Desta maneira Whitehead se encontra a meio caminho entre cientistas que dão preferência analítica ao corpo físico no lugar do epifenômeno da mente, e construtivistas sociais que priorizam o sentido social do corpo no lugar de seus aspectos físicos. Ele declara que "o indivíduo humano é um fato, corpo e mente"(p.159). Esse espaço intermediário é vantajoso, já que frequentemente reúne conversas disparatadas em um diálogo coerente. A perspectiva de Whitehead sobre o corpo sugere que o corpo físico e o corpo social são mutuamente influentes e co-constitutivos. Corpos físicos afetam o sentido social, que por sua vez afeta os corpos físicos.

### **O Corpo na Filosofia do Organismo**

A descrição do corpo de Whitehead está envolvida pelo que ele chama de *filosofia do organismo*, que é sua tentativa de reenquadrar a natureza de um modo que supere o dualismo corpo-mente latente na

ciência. Nessa perspectiva aventureira, a natureza é descrita enquanto fundamentalmente constituída por processos no lugar de substâncias. Ou seja, a base estrutural microcós mica desse esquema não são os átomos objetivos e inertes vislumbrados por Demócrito, mas o que ele chama "entidades atuais" ou "ocasiões atuais."<sup>4</sup> Essas unidades fundamentais são como os átomos de Demócrito nisso que, quando reunidas, formam os objetos macroscópicos - os corpos de plantas, animais, mesas e pessoas - que vivenciamos todo dia. No entanto, enquanto os átomos são indestrutíveis e coisas materiais, as entidades atuais são organismos; eles são dinâmicos e efêmeros. Eles crescem, amadurecem, e morrem. David Griffin, um intérprete de Whitehead, se refere às entidades atuais como "eventos espaço-temporais com uma duração interior finita, oscilando talvez entre um bilionésimo de segundo no nível subatômico e um décimo ou vigésimo de segundo no nível da experiência humana" (Griffin, 2007, p.185). Nessa perspectiva o corpo é constituído de uma miríade de ocasiões interconectadas e momentâneas.

Whitehead descreve essas ocasiões como "gotas de experiência, complexas e interdependentes" e como "as derradeiras coisas verdadeiras das quais o mundo é feito"(1968b, p.28; 27). Sustentar que o mundo é feito de gotas de experiência não é sugerir que tudo no universo é consciência. Para Whitehead, a consciência depende mais da experiência do que o contrário. Um tipo de sentimento pré-consciente, cru e primitivo se dá em todas entidades atuais. A consciência surge apenas naquelas entidades atuais sofisticadas que são parte de um agregado complexo de entidades atuais como o cérebro humano. Como tal, a consciência é um tipo de experiência particular. Enquanto a experiência é universal no nível microcós mico, a consciência ocorre apenas em entidades atuais de nível elevado.

Pode-se ver então que, para Whitehead, as unidades de percepção mais básicas no corpo humano não são seus órgãos dos sentidos, mas as entidades atuais os formaram. Mais ainda, as percepções ou experiências as entidades atuais são o que constitui o universo inteiro:

---

<sup>4</sup>Donald Sherburne argumentou que "todo o *Processo da Realidade (PR)* está preocupado em descrever as características e interconecções entre entidades atuais." (Ver Sherburne, 1966, p.6.)

Cada entidade real é concebida como um ato de experiência surgindo a partir de dados. A objetivação de outras ocasiões atuais forma os dados fornecidos dos quais uma ocasião atual se origina. Cada entidade real é uma vibração de experiência incluindo o mundo atual em seu escopo. É um processo de 'sentir' os muitos dados, assim como de absorve-los na unidade de uma única 'satisfação'. Aqui 'sentir' é o termo usado para a operação genérica básica de passar da objetividade do dado para a subjetividade da entidade real em questão. Sentimentos são operações especializadas diversamente, efetuando uma transição para a subjetividade. Eles deslocam a 'coisa neutra' de certos filósofos realistas. Uma entidade real é um processo, e não é descritível em termos de morfologia de uma 'coisa' (1968b, p.40-41).

Cada entidade real se torna o que é percebendo sua interconectividade com o resto do universo. De fato ela é o resto do universo, num instante com um tom emocional particular. Whitehead descreve um processo de devir no qual cada entidade real primeiramente sente passivamente o universo objetivado, em seguida unifica ativamente aqueles sentimento numa harmonia. Essa unificação dura apenas um instante, mas é um momento de pura auto-criatividade subjetiva. Uma vez que essa harmonização esteja completa, ou satisfeita, o momento de vivenciar subjetivo termina, como o faz o processo de devir. Depois de sua satisfação, a entidade real permanece como parte do contexto objetivo para a ocasião seguinte de experiência. Sob essa perspectiva o próprio universo é um processo no qual "muitos se tornam um e são ampliados por um" (1968b, p.21).

Por propósitos descritivos, Whitehead divide as entidades atuais em duas partes, seus polos físicos e seus polos mentais. O polo físico representa a fase inicial do processo de devir no qual a entidade real meramente recebe dados do passado sem ele mesmo contribuir em nada. Esse aspecto corresponde ao lado objetivo da experiência. O polo mental, que corresponde ao lado subjetivo da experiência, representa as

fases subsequentes do processo nas quais os dados do passado são ativamente classificados e priorizados. Alguém pode objetar ao uso dos termos *físico* e *mental* numa filosofia que nega a divisão do mundo de Descartes em corpo e mente. Contudo, o ponto de Whitehead aqui é que o físico e o mental não são duas substâncias separadas, mas elementos que compõem o processo de toda entidade real, do universo inteiro. "Uma entidade real é essencialmente bipolar, com seus polos físicos e mentais; e nem o mundo físico pode ser apropriadamente compreendido sem referência ao seu outro lado, que é o complexo de operações mentais" (1968b, p.239) Toda entidade real é constituída pela herança física do passado acompanhada por uma recente reação mental. Sob essa perspectiva, simplesmente não será possível tratar o corpo biológico como fisicalidade isolada, bruta, e o corpo social como a fonte de sentido e valor. O corpo material está imbuído de caráter mental até o seu mais microscópico detalhe e o corpo social é também inevitavelmente físico.

Como mencionado mais acima, todos os objetos de nossa experiência (árvores, construções, pessoas, etc.) são agrupamentos de entidades atuais. Whitehead chama esses agrupamentos de *nexus*, que são qualquer agrupamento de entidades atuais, ou *sociedades*, que são *nexus* que "desfrutam uma ordem social". Há muitos tipos de sociedade com diferentes níveis de complexidade. Para o propósito desta análise, o que é importante ressaltar é que Whitehead define o corpo humano como uma *sociedade estruturada*, uma sociedade complexa que contém sociedades subordinadas e ainda mantém alguns elementos de individualidade.<sup>5</sup> Pode-se separar mãos, pés, coração, pulmões, etc. num corpo, mas tomados juntos eles criam um tipo de comunidade e permitem que ocorra um tipo de experiência particularmente complexo. Desse modo o corpo age como um tipo de amplificador da natureza com a qual ele tem continuidade. Whitehead escreve: "é uma falsa dicotomia pensar em Natureza e Homem.

---

<sup>5</sup>Nicolas Rescher, outro filósofo de processo, escreve: "Como a filosofia de processo o vê, a unidade de uma pessoa não reside nem no corpo físico enquanto tal, nem na unidade psíquica dos costumes e da memória, mas numa unidade sinóptica de processo. Numa abordagem orientada pelo processo, o si ou o ego - o indivíduo particular que se é - é simplesmente um megaprocesso, um sistema estruturado de processos, um centro (relativamente) estável e coeso de agenciamento de atividades." [Ver N. Rescher, *Process Metaphysics* (Albany: State University of New York Press, 1996), 108.] Para uma descrição mais detalhada de sociedades estruturadas como Whitehead as entende, ver Whitehead, 1968b, p.99-109.

A Humanidade é aquele fator *na* Natureza que exhibe, em sua forma mais intensa, a plasticidade da natureza"(1967, p.78). Os limites entre o corpo humano e a natureza são impossíveis de demarcar com qualquer precisão. Há um tipo de unidade entre o corpo e a natureza que inclui a unidade do corpo material e a experiência mental subjetiva. Whitehead descreve o corpo como "aquela porção de natureza com a qual cada momento da experiência humana coopera intimamente. Há um fluxo e influxo de fatores entre a atualidade corporal e a experiência humana, para que cada uma compartilhe da existência da outra" (1968, p.115). Novamente, "Nossos corpos são amplos dispositivos de onde alguma ocasião atual central pode herdar essas experiências básicas de suas partes antecedentes. Desta maneira, corpos orgânicos têm suas partes coordenadas por uma peculiar vivacidade em suas heranças mútuas. Num certo sentido, a diferença entre um organismo vivo e o meio inorgânico é apenas uma questão de nível"(1968b, p.178-9). O corpo humano então é o meio imediato para a capacidade de ser afetado por dados na experiência humana. Essas ocasiões da experiência são o que constitui a mente ou alma humana.<sup>6</sup> Portanto há uma profunda interconexão entre a natureza, o corpo e a atividade mental. Toda experiência emocional subjetiva se origina no corpo e então passa para funcionamentos corporais subsequentes.

### **Corpos Sociais, Naturais**

Se fomos bem sucedidos em esclarecer como a perspectiva de Whitehead do corpo reconhece sua fisicalidade natural, o que falta é localizar seu caráter social. No nível microscópico de entidades atuais, isso é fácil fazer, uma vez que a própria realidade é inteiramente interconectada e social, em sua totalidade. Cada entidade real é essencialmente composta de seus afetos de outras entidades atuais. O polo físico objetivo está fundamentalmente e irrevogavelmente relacionado e dependente do polo mental subjetivo e vice-versa, assim como o corpo é dependente da mente e o organismo é dependente da natureza. Numa passagem densa mas importante, Whitehead explica:

---

<sup>6</sup>Whitehead define a alma como "nada mais do que a sucessão de minhas ocasiões de experiência, indo do nascimento ao momento presente." [Ver Whitehead, 1968,p.163.] O que deveria ficar claro é que Whitehead não faz ideia de uma substância divina imutável, eterna do tipo que Platão se refere quando fala de alma.

Toda entidade real é, em sua natureza, essencialmente social; e isso de duas maneiras. Em primeiro lugar, os contornos de seu próprio caráter são determinados pelos dados que seu meio provê para seu processo de sentir. Em segundo lugar, esses dados não são extrínsecos à entidade; eles constituem essa amostra do universo que é inerente na entidade. Então os dados através dos quais o sujeito transmite julgamento são eles próprios componentes condicionando o caráter do sujeito que vivencia. Segue-se que qualquer pressuposição geral sobre o caráter do sujeito que vivencia requer uma espécie de dados enquanto sua fase preliminar de concrecência. Mas tais dados não são nada senão o meio social sob a abstração efetuada por objetivação. Também o caráter da abstração em si depende do meio. A espécie de dados requisitada para o sujeito julgador presumido pressupõe um meio de um certo caráter social (1968b,p.203).

O que é crítico aqui, e o que afasta Whitehead de muitos teóricos, é que os aspectos teóricos do corpo não são limitados à cultura ou ao reino humano do sentido. Judith Butler reconheceu que tendeu a definir o reino do social em termos psicanalíticos. Por exemplo, ela descreve o caráter social da vida humana em relação a normas culturais: "Nos níveis mais íntimos, somos sociais; somos comportados em direção a um 'você'; estamos fora de nós mesmos, constituídos em normas culturais que nos precedem e nos excedem e um campo de poder que nos condiciona fundamentalmente" (Butler, 2004, p.45). O ponto importante aqui é que, para Whitehead, o condicionamento social do si não é limitado à cultura, mas se estende ao nível da metafísica. Em nossos níveis mais íntimos somos formados não apenas pela cultura, mas pelos elementos mais microscópicos de nosso meio e de nosso passado.

Embora Whitehead gaste menos tempo do que Butler, ou outros teóricos do social, delineando a influência das normas culturais ou pensamentos conceituais na construção diária de si, ele não as ignora. Microcosmicamente, através do polo mental, cada entidade real em desenvolvimento inclui em si certos potenciais abstratos chamados *objetos*

*eternos*, que determinam a seleção de elementos do passado físico para ingressar na unidade que está se formando. Enquanto uma discussão profunda sobre objetos eternos está fora do escopo deste artigo, talvez seja suficiente observar que através deles o conceitual não apenas influencia, mas é inerente e diretamente uma parte do físico. "Fatos incluem em sua natureza algo que não é fato. Esta é a parte conceitual dos fatos" (1968, p.122). Mentalidade e potencialidade são tão constitutivas da existência quanto o são a biologia genética ou fatos objetivos.

No nível mais macrocósmico dos corpos sexuais e gêneros de que Butler trata, afirmo que Whitehead também tem algo a contribuir. Para ele, as únicas coisas concretas na experiência atual são as entidades atuais. Todo o resto, incluindo conceitos sobre o corpo, julgamentos sobre o corpo, linguagem sobre o corpo, e descrições gerais do corpo são abstrações da experiência corporal. Tais avaliações culturais abstratas dos corpos às vezes podem abrir novos interesses em seu uso e novas possibilidades para entusiasmo e vivacidade na vida. "Um feliz uso de abstrações é o da essência da evolução ascendente." Mas, continua Whitehead, "não há necessidade de tal bom uso. Abstrações podem funcionar com a experiência para separá-la de sua relevância para a totalidade. Nesse caso, a experiência abstraída é um peteleco de interesse que está destruindo sua própria enorme base por sobrevivência." Anteriormente na mesma passagem ele sugere que "a degenerescência da humanidade é distinguida de sua ascendência pela dominância de abstrações duras, forma estética divorciada do conteúdo"(Whitehead, 1968, p.123). Aplicando essa perspectiva à questão controversa de diferença sexual, pode-se sugerir que a feminilidade e a masculinidade são importantes abstrações culturais da experiência vivida. Nem são ficções insignificantes sem conexão com o corpo nem opções inescapáveis universalmente solidificadas. Michael Halewood sugeriu que Butler foi "atrapalhada pela armação teórica que ela adotou" e que o trabalho de Whitehead no uso de abstrações e objetos eternos poderia ajudar Butler a superar certas limitações teóricas (Halewood, 1968, p.124). Whitehead pode permitir Butler a indicar que posições sexuadas são práticas repetíveis (ou processos temporais) sem ter que divorciá-las da fisicalidade local do corpo.

Os escritos de Whitehead sobre o corpo não têm a carga política que muitos trabalhos escolásticos sobre o corpo têm hoje. Contudo, ele é bem claro quanto a normas culturais serem baseadas em experiências fisiológicas, e quanto a tais normas poderem ser tanto produtivas quanto debilitantes. Essas normas, como toda experiência humana de emoção, valor e propósito, encontram as origens no corpo (1968, p.114).<sup>7</sup> Então assim como é verdade que discursos culturais sobre o corpo afetam os corpos materiais, também o é que corpos materiais afetam discursos culturais. Isto é, o corpo material e a visão cultural ou social do corpo são profundamente interligados. De fato, Whitehead vai longe a ponto de alertar contra o foco apenas nas abstrações. "Em nossos esforços para compreender mudanças sociológicas não devemos nos concentrar tão exclusivamente no efeito da doutrina abstrata... Os homens são orientados por seus pensamentos assim como pelas moléculas em seus corpos, pela inteligência e por forças sem sentido... Mesmo aqui não devemos intelectualizar demais os vários tipos de experiência humana. A humanidade é o animal no topo dos Primatas, e não pode escapar de hábitos da mente ligados de perto com hábitos do corpo" (whitehead, 1967, p.46).

No artigo eu tentei indicar que o entendimento de Whitehead sobre o corpo enquanto uma sociedade estruturada de entidades atuais poderia auxiliar a preencher a lacuna entre os discursos separados de teóricos sociais que se focam em como o corpo é construído pela cultura, e cientistas que se concentram seus aspectos materiais e biológicos. Reunir esses discursos não apenas fornece crédito e coerência à perspectiva de Whitehead sobre o corpo; também permite tratamentos mais aprofundados da fisicalidade do corpo por parte de analistas sociais que frequentemente ficaram confinados em discutir suas características metafóricas. Mais ainda, a metafísica de Whitehead permite que ele ultrapasse a bifurcação da natureza nos binarismos Cartesianos e mostre um caminho para reconceitualizar o físico e o conceitual para que eles envolvam intimamente um ao outro. Enquanto um engajamento mais profundo da metafísica de

---

<sup>7</sup>Referindo-se à emoção, Whitehead escreve, "Há emoções de vários tipos - mas todo tipo de emoção é pelo menos modificado por derivação do corpo. Cabe aos fisiologistas analisar em detalhe os modos dos funcionamentos corporais. Para a filosofia, o fato fundamental é que toda complexidade da experiência mental é seja derivada ou modificada por tal funcionamento." Whitehead, 1968, p.160.

Whitehead com o trabalho de Butler sobre a diferença sexual permanece fora dos limites deste artigo, é comovente e inspirador imaginar o que tal engajamento poderia revelar sobre o caráter complexo do corpo humano social e natural.

\*\*\*

Esse texto foi apresentado na íntegra no simpósio “Cuerpos y Corporalidades”, realizado na Universidad San Francisco de Quito/Ecuador, 21-23 de novembro de 2013.

**Referências Bibliográficas**

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

DEVETTERE, Raymond. "The Human Body as Philosophical Paradigm in Whitehead and Merleau-Ponty". *Philosophy Today* 20, no. 4/4, p. 319.

FABER, Roland e HALEWOOD, M. e LIN, D. *Butler on Whitehead: On the Occasion*. Landham, MD: Lexington Books, 2012.

FABER, Roland e STEPHENSON, Andrea, eds. *Secrets of Becoming: Negotiating Whitehead, Deleuze, and Butler*. New York: Fordham University Press, 2011, p.107-109.

GRIFFIN, David. "Consciousness as Subjective Form: Whitehead's Nonreductionistic Naturalism" In: *Process Approaches to Consciousness in Psychology, Neuroscience, and Philosophy of Mind*. WEBER, M. and WEEKES, A. eds. New York: Suny Press, 2007, p.185.

HALEWOOD, Michael. Butler and Whitehead on the (Social) Body. In: FABER, Roland and STEPHENSON, Andrea, eds. *Secrets of Becoming: Negotiating Whitehead, Deleuze, and Butler*. New York: Fordham University Press, 2011, p.107-109.

RESCHER, N. *Process Metaphysics*. Albany: State University of New York Press, 1996.

SHERBURNE, D. *A Key to Whitehead's Process and Reality*. Chicago: University of Chicago Press, 1966.

WHITEHEAD, Alfred North. *Adventures of ideas*. New York: Free Press, 1967.

WHITEHEAD, Alfred North. *Modes of Thought*. New York: The Free Press, 1968, p.48.

WHITEHEAD, Alfred North. *Process and Reality: Corrected Edition*, ed. by D. Griffin and D. Sherburne. New York: The Free Press, 1968b, p.3.